

ENSAIO sobre o texto 'Nature and Culture' de PETER HALLEY (b. 1953) do livro Art in Theory 1900 - 2000: An Anthology of Changing Ideas - páginas 1042 a 1045

Natureza e cultura, alma e espiritualidade são termos vistos com muitos significados subjetivos, com atemporalidade e validação universal. As ideias são entregues a fenomenologia, existencialismo e transcendentalismo Junguiano.

O período pós guerra entregou a arte a missão de tirar do esconderijo, de reunir os humanos em sua essência perdida na potencialidade de ser humano. Neste período houve exagerada preocupação sobre a situação dos indivíduos como uma entidade de percepção, a mística importância deste indivíduo em alguns aspectos absolutos da natureza, onde podem agir sobre determinados fatos históricos causados por forças sociais para tirar do buraco involuntário no império dos sinais, com responsabilidade, ações e boa fé.

Um mundo onde as leis usuais, do mercado e dos mecanismos do universo burguês, devem ser alteradas. A arte pode ser simplesmente elaborada sobre possíveis ações e decisões que somente os despojados de seu papel social pré estabelecido podem assumir e realizar.

No final dos anos 70, o transcendentalismo orientou o fenômeno do devir artístico, a tendência de desenvolvimento intelectual que explica as mudanças da arte pela inevitável entropia da inteligência implícita nas discussões sócio econômicas, com fatores conectados a eventos do desenvolvimento industrial e do capitalismo. O estruturalismo e a nova arte ambos refletem esta transição até o pós industrial, onde a sociedade tem sua vitalidade expressa pela manipulação do que realmente existe, com o individualismo mistificado em nome da crença em uma sociedade ideal.

Com a natureza vista como real, a sociedade pode, hoje, entrar na era onde a cultura burguesa busca esta conexão com a natureza, a habilidade em criar vida, atrelada química e mecanicamente a criação de espaços em si e até em combinações binárias como em dispositivos eletrônicos e animações computadorizadas. Até o coração humano, talvez o mais natural dos objetos da velha ordem, foi reconsiderado de acordo com os processos de consciência reinventados, onde vemos o triunfo do mercado em todas as áreas, onde é possível manipular e elaborar em laboratório a vida, onde se fala em

backups de conhecimentos, restauração de mentes em novos receptáculos, novos modelos de corpo, metade humanos, metade robôs.

Sinais que simulam o simulacro ao invés de representar, como pode o artista comunicar esta situação? Só resta a nós nos engajarmos em práticas de simulação de nós mesmos, mas isso feito, uma situação incerta é colocada. Porque alguns artistas se apegam mais ou exclusivamente ao conceito de Baudrillard do que as ideias de Foucault sobre os relacionamentos sociais? Talvez o mundo das superfícies seja mais sedutor que a escavação desoladora dos espaços de regimes fechados.

As ciências humanas são mais do que um saber: elas são uma prática, são instituições, ao analisar a gênese e a filosofia das ciências, vemos como é recente o aparecimento do “homem” na história do nosso saber. A mudança interior de nossa cultura, do século XVIII ao século XIX, através da gramática geral, que se tornou filologia, da análise das riquezas, que se tornou economia política, e da história natural, que se tornou biologia. Vamos juntos acompanhar os filósofos num subsolo onde eles, como arqueólogos do pensamento, nos mostram aquilo que faz com que as ciências humanas, hoje, se tornem possíveis.

E se alguém pergunta se o artista e o público, seduzidos por este mundo cintilante de superfícies, não foram desviados da investigação de questões cruciais sobre a estrutura da sociedade? A dúvida é natural ao homem, é o que mantém vivo a capacidade de questionar o *status quo*. Cabe ao artista alterar a natureza das estruturas e criar o ambiente propício para mudanças culturais. Avante!

REFERÊNCIAS

- HARRISON, Charles; WOOD, Paul J., *Art in Theory 1900 - 2000: An Anthology of Changing Ideas*, 1992.
- HALLEY, Petter, 'Nature and Culture', páginas 1042 a 1045.
- BAUDRILLARD, Jean, *Simulacros e Simulação*, Lisboa, Relógio d'Água, 1991.
- BAUDRILLARD, Jean, *Cultura e Simulacro*, Kairós, 2016.
- FOUCAULT, Michel, *As Palavras e As Coisas*, Martins Editora, 2016.